

# Semana de 22 e as revoluções artístico-culturais em tempos pós-pandêmicos

## Modern Art Week of 1922 and the artistic- cultural revolutions in post-pandemic times

Ahmad Jarrah<sup>88</sup>

**RESUMO:** A Semana de Arte Moderna de 1922 é revisitada e alguns dos seus contextos situacionais são colocados em perspectiva com o ano de seu centenário e ano do bicentenário da Independência, para o apontamento de verossimilhanças e contrastes que possam contribuir com os estudos acerca da arte e cultura no Brasil, em especial em Mato Grosso. Na metodologia, o artigo faz uso dos conceitos de colonialidade-modernidade e decolonialidade-transmodernidade, reunidos por Walter Mignolo e Enrique Dussel. No campo da investigação histórica, recorreu-se a uma revisão teórica com base em pesquisa bibliográfica, sempre compreendendo a história, circunscrita na espacialidade geográfica como um organismo vivo que se relaciona e se transforma através dos tempos. Por fim, os apontamentos indicam como a Amazônia é uma questão central para as revoluções artístico-culturais contemporâneas. **Palavras-chaves:** Modernismo. Decolonialidade. Transmodernidade. Crise Climática. Amazônia.

**ABSTRACT:** The Modern Art Week of 1922 is revisited and some of its situational contexts are put into perspective with the year of its centenary, and the year of the bicentennial of Independence, to point out verisimilitudes and contrasts that can contribute to the studies about the art and culture in Brazil, especially in Mato Grosso. In terms of methodology, the article makes use of the concepts of coloniality-modernity and decoloniality-transmodernity proposed by Walter Mignolo and Enrique Dussel. In the field of historical investigation,

---

88 Ahmad Jarrah é mestre em estudos de cultura contemporânea pela UFMT, bacharel em Comunicação Social, publicitário, jornalista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Possui trabalhos premiados na fotografia e audiovisual que tratam de temas urgentes na contemporaneidade.

we resorted to a theoretical review based on bibliographic research, always understanding history, circumscribed in geographic spatiality, as a living organism that relates and transforms itself through time. Finally, the notes indicate how the Amazon is a central issue for contemporary artistic-cultural revolutions.

**Keywords:** Modernism. Decoloniality. Transmodernity. Climate Crisis. Amazon.

## Um centenário pós-pandêmico

Distante de querer traçar a genealogia do modernismo brasileiro, ou ainda mato-grossense, tão farto de produções e documentações, este artigo se propõe a investigar elementos contextuais que aproximam, por verossimilhança ou contraste, alguns acontecimentos em torno da Semana de Arte Moderna de 1922 com o dos tempos atuais, cem anos depois. Dentre as infinitas possibilidades de adentrar nesta pesquisa, puxo no fio da meada um evento que conecta os anos de 1922 e de 2022. E não são os palcos.

É interessante observar que o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 venha no encalço de uma pandemia viral. Se há cem anos atrás os modernistas geriram uma ruptura com o *status quo* cultural durante os anos em que a gripe espanhola assolava o Brasil, em especial a partir de 1917 e em São Paulo mais intensamente em 1918, atualmente o país vive as mazelas de uma pandemia de Covid-19 e suas múltiplas variantes.

Com isso não pretendemos tecer qualquer afirmação que sugira que o movimento modernista eclodira em decorrência de uma epidemia. Vários outros elementos contextuais compartilharam também daquele período, como a própria primeira guerra mundial. E nem que essas mórbidas circunstâncias possam catalisar movimentos criativos na sociedade. No âmbito da arte brasileira progressista, se vivia uma espécie de crise existencial, diante de um centenário da Independência a ser ressignificado. Longe de querer apresentar certezas, este artigo apenas alinhará as conjunturas, para tecer provocações investigativas que poderão influenciar futuros trabalhos, colocando a história em perspectiva.

A primeira aproximação constatada é este cenário pós-pandêmico. Depois de perder 1% da população para a gripe espanhola de 1918 – mais de cinco mil pessoas num universo de 500 mil habitantes – São Paulo despertou uma efervescência cultural, sobretudo pela necessidade que as pessoas viam de se encontrar e celebrar a vida. Rio de Janeiro e outros estados, como Minas Gerais e Pernambuco, também fervilhavam culturalmente.

Conforme narram os registros históricos (WALKER, 2017), os anos pós-gripe espanhola foram de intenso movimento em bares, cafés, saraus, teatros, ateliês e toda sorte de eventos culturais e artísticos que eclodiram para colorir os dias cinzentos da gripe letal e os anos pós-grande guerra. A década de 1920 ficou conhecida como “os anos loucos”, tempos de carnavais triunfantes para trazer de volta a alegria, depois da tristeza disseminada pela praga. Foram anos de mudança nos valores morais, sociais e políticos, crescimento dos movimentos emancipatórios, lutas por liberdade, independência e cidadania para as mulheres.

A Semana de Arte Moderna nasce nesse bojo. Em São Paulo, na rua Líbero Badaró, a Garçonnière passou a abrigar artistas e intelectuais que conspiravam uma nova arte brasileira, concebendo o evento que mais tarde representaria um marco histórico:

O grupo da garçonnière era formado por aspirantes a escritores. Nos encontros na garçonnière, eles conversavam sobre literatura, mostravam e compartilhavam seus escritos e compartilhavam os sonhos de se tornarem escritores consagrados. Foi este grupo que, anos mais tarde, em 1922, criou a Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal. (WALKER, 2017).

A revolução cultural não se refere apenas aos dias de fevereiro de 1922 em si, que foram cercados de vaias, protestos e polêmicas, mas tudo aquilo que poderia surgir a partir dali. Um novo Brasil nascia metaforizado na pequena muda de folhas rubras e estriados rizomas, que ascendiam vigorosamente no cartaz ilustrado por Di Cavalcanti.

A semana de 1922 reverberou por décadas e transcendeu por eras, influenciando aquilo de mais contemporâneo e vanguardista que surgiria na cultura brasileira a partir de então. Foi uma completa reinvenção da Independência. Nesse contexto pós-pandêmico, cem anos depois, poderíamos experimentar “anos loucos” pela frente? Quais as provocações que se colocam diante de um bicentenário da Independência? Por fim, onde estará Mato Grosso nesse contexto?

## Modernismo em Mato Grosso

Mato Grosso não passaria inerte a toda essa ebulição cultural. O salto da literatura mato-grossense começaria a se dar mais ao Sul, em Corumbá, com Lobivar Matos e suas obras *Areôtorare: Poemas Boróros* (1935) e de *Sarobá* (1936), cujo reconhecimento é documentado em diversas pesquisas, incluindo um cuidadoso de trabalho de Eduardo Mahon nesta mesma edição.

Oficialmente, o modernismo surge no estado com a revista *Pindorama*, tendo como os principais expoentes Rubens de Mendonça e Gervásio Leite, inspirados pelo movimento de Graça Aranha. Recentemente, o projeto Plataforma Digital do Acervo das Famílias da Casa Barão de Melgaço, realizado pela historiadora Elizabeth Madureira Siqueira, permitiu acesso gratuito a um vasto acervo original de Estevão, Rubens de Mendonça, Firmo e Dunga Rodrigues, digitalizado em alta definição.

*Pindorama* só ocorreria em 1939, demonstrando um certo atraso que não passou despercebido pela crítica de Lobivar que diria «os imortais e os mortais do Norte e do Centro, produzem quase nada, literariamente falando. São vítimas do ambiente (MAGALHÃES, 2001, p. 123).

Rubens de Mendonça registraria mais tarde que “anos depois de Marinetti haver lançado seu manifesto modernista e Graça Aranha tentar-lhe a reforma na Academia Brasileira de Letras, em Mato Grosso estávamos no período romântico” (MENDONÇA, 2005, p. 171).

De volta a 1922, apesar de Mato Grosso ainda não aspirar os ares modernistas do ponto de vista estético e linguístico, dava os primeiros sinais de formar organicamente uma intelectualidade mato-grossense que pudesse documentar e prospectar o estado culturalmente. Desse ideário, primeiro surge, em 1919, o Instituto Histórico de Mato Grosso e dois anos depois, em 1921, o Centro Mato-grossense de Letras, que após 1932 passou a se chamar Academia Mato-grossense de Letras.

As duas instituições nascem e se desenvolvem a partir da iniciativa de José de Mesquita e do arcebispo de Cuiabá e governador de Mato Grosso Dom Francisco de Aquino Correa, que depois seria o primeiro mato-grossense a integrar a Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897.

Em Mato Grosso, essa intelectualidade é ensejada principalmente nos ambientes salesianos, refletindo em uma expressão estética mais clássica, conservadora, parnasiana, inexistindo traços modernos nesse período. Talvez, menos pela falta de acesso, uma vez que jovens faziam intercâmbios de estudos nos grandes centros, e mais por uma escolha moral, dado o contexto em que as organizações foram concebidas. A partir daí, o modernismo em Mato Grosso teria ao menos com o que se contrastar e influenciar, anos mais tarde.

Entre as maiores inspirações vanguardistas em Mato Grosso, se destaca o Movimento Intensivista, em 1948, liderado por Wladimir Dias-Pino, carioca residente em Cuiabá, que ao lado de Décio Pignatari, Ferreira Gullar, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Ronaldo Azeredo, se torna fundador do movimento da poesia concreta no Brasil.

## Colonialidade e crise

Uma intelectualidade é importante. O ímpeto em apresentar uma nova forma de pensar e ver o mundo, defender uma nova arte brasileira que pudesse olhar mais para dentro do Brasil, antenada globalmente. Porém, não bastava somente um grupo de intelectuais reunidos. Era preciso recurso para financiar essa aspiração revolucionária, que em sua maioria surgiu no seio de uma classe média formadora de opinião, e principalmente com espaço na imprensa. E mesmo contraventora, ainda guardava traços de colonialidade e eurocentrismo.

Desse contexto decorre uma segunda transversalidade centenária, que levará ao cerne do que propõe este artigo. Em 1922, o principal financiamento da Semana de Arte Moderna se deu por meio de mecenas ligados à cafeicultura paulista. Período em que inexistia uma política institucional cultural de Estado. O Ministério da Cultura só foi surgir no Brasil em 1985. O Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930.

Não convém, por hora, identificar as motivações que levaram os produtores de café a investirem recursos financeiros em uma aventura subversiva. Vários documentos remontam à rede de relações desses mecenas com a principal fonte da economia de São Paulo e brasileira. A produção cafeeira passa a entrar em declínio no final da década de

20, impactada pela Crise de 1929 e para um processo de industrialização cada vez mais intenso. Essa investigação poderia render uma tese à parte.

O fato suficientemente relevante para este artigo é a ocorrência do investimento do principal setor da produção agrícola em arte. Não somente em arte, cabe dizer, mas em *art d'avant-garde*. Ao alinhar em perspectiva São Paulo 1922 e Mato Grosso 2022, projeta-se um contraste culturalmente econômico e historicamente colonialista.

O mecenato foi perdendo relevância política e musculatura jurídica à medida em que havia uma centralidade do investimento em arte e cultura através das políticas públicas de Estado. Até mesmo os sistemas híbridos, mecenato mediado pelo Estado, onde este deduz tributos da pessoa jurídica investidora, estão em declínio e/ou não se consolidaram.

O agronegócio em Mato Grosso é absolutamente alheio ao desenvolvimento cultural do estado, não tem histórico de investimentos e muito menos consome a cultura local. Essa situação será observada sob a lente de duas hipóteses. Em um primeiro nível, há um evidente modelo de ocupação colonialista perceptível na origem e nas tradições culturais dos maiores agropecuaristas do estado, como também nas regiões onde esse modelo econômico do agronegócio mais se desenvolveu. Ademais, a ocupação da região Norte e Centro Oeste, especialmente na região amazônica, se deu predominantemente de modo colonialista e eurocêntrico.

Essa perspectiva colonialista também foi um dos principais cerne do debate na arte brasileira a partir da Semana de Arte Moderna, porém um desafio que persiste até os atuais dias. Pois, se antes haveria a busca pela libertação dos resquícios de um colonialismo europeu, que até hoje tinge nossas relações sociais, esse modelo colonialista persistiu até a pós-modernidade, com o acirramento das questões identitárias e das diferenças. Até mesmo bifurcações extremistas, como neo-monarquistas ou neo-nazistas.

Hoje, não basta apenas falar da Amazônia, é preciso dar voz à Amazônia, protagonismo aos amazônidas, aos povos tradicionais, aos ribeirinhos, aos povos indígenas, e esta questão se torna ainda mais latente na contemporaneidade, como veremos mais à frente.

Falamos da primeira hipótese colonialista, uma ocupação recente do agronegócio ostensivo por descendentes europeus, sulistas que **conser-**  
**varam** suas tradições e pouco se hibridizaram identitariamente ou se reconhecem na cultura regional. É uma cultura extremamente conservadora, moralista, e na maioria das vezes uma elite inculta e antiquada. Essa cultura influencia a visão de mundo constituída na região Norte de Mato Grosso, na Amazônia mato-grossense.

Em outro nível deste prisma, temos a segunda hipótese, de que atualmente esse modelo produtivo e econômico do agronegócio está no cerne de uma crise global. O local que ocupa hoje o grande agronegócio é incompatível com a possibilidade de reversão da primeira hipótese, pelo contrário, ele a consolida. Por outro lado, a crise climática afeta profundamente o atual modelo bilionário do agronegócio.

Como poderia haver decolonialidade e valorização das culturas regionais, originárias, saberes ancestrais, outras visões de mundo, se a simples existência delas desnuda a centralidade do agronegócio nos efeitos que provocam a crise climática? Uma crise regional com amplitude global, uma evidente ameaça.

Regional porque temos os povos indígenas, ribeirinhos, os extrativistas sustentáveis, populações tradicionais no limiar dessa disputa, sofrendo as consequências mais diretas. Além deles, sofrendo o eco da crise temos a periferia empurrada para se instalar aos pés de morros, beira de córregos, zonas de risco. Enrique Dussel esclarece que:

Essas culturas foram, em parte, colonizadas, mas a maior parte de suas estruturas de valores foram sobretudo excluídas, desprezadas, negadas, ignoradas mais do que aniquiladas. O sistema econômico e político foi dominado no exercício do poder colonial e da acumulação gigantesca de riqueza, mas essas culturas têm sido interpretadas como desprezíveis, insignificantes, sem importância e inúteis. Esse desprezo, no entanto, permitiu-lhes sobreviver em silêncio, desdenhadas simultaneamente por suas próprias elites modernizadas e ocidentalizadas. Essa alteridade negada, sempre existente e latente, indica a existência de uma riqueza cultural insuspeita, que renasce lentamente como chamuscas de carvão enterrado no mar de cinzas centenárias do colonialismo (DUSSEL, 2015, p. 62).



É uma crise global, pois o que acontece na maior floresta tropical do mundo tem efeitos colaterais em todo o planeta, o que a coloca como tema recorrente nas principais conferências internacionais do clima, a exemplo da COP 22.

Diante dessas duas hipóteses, seria pouco provável que o agronegócio mato-grossense investisse em cultura, ainda menos em arte disruptiva, uma vez que ele teria que se confrontar com a sua crítica. Por outro lado, dada sua relevância econômica para o estado e sua capilaridade nas instituições do poder, é pouco provável que projetos de crítica explícita recebam investimento público.

Debates como esse se dão desde a gênese dos projetos. Recordo de ocasiões, quando eu estava nomeado conselheiro municipal de cultura de Cuiabá, onde foram muitos os debates travados para romper a lente moralista nos pareceres de análises de projetos culturais em editais públicos, que deveriam garantir a isonomia, mas eram reféns de uma visão obsoleta e conservadora dos conselheiros, analistas e pareceristas. A literatura não poderia conter palavrões, artes visuais eram julgadas obscenas, personagens LGBTQIA+ execrados, um sutil tribunal inquisitório que se dava nos meandres da máquina pública.

Retomando a questão central deste artigo, a Amazônia atualmente está no âmago de uma nova ruptura, o atual modelo expansivista do agronegócio mato-grossense pautado pelas *commodities* está no cerne de uma crise que pode se tornar irreversível. Caso não haja um avanço político e tecnológico no sentido da sustentabilidade ambiental, o planeta corre o risco de entrar em colapso. Mato Grosso, dessa vez, ocupa um lugar de protagonismo na crise. Porém, Mato Grosso não se enxerga como Amazônia.

Da síntese dessa equação, como estará a chama insurrecionária de Di Cavalcanti cem anos depois? Há espaço para mais uma reinvenção da independência, em seu bicentenário? Quais caminhos podem se desenhar pela frente?

## Aspirações transmodernas e o giro decolonial

Para compreender os desafios colocados, se faz necessário observar esses fenômenos sob a luz dos estudos decoloniais propostos pelos pensadores argentinos Walter Mignolo e Enrique Dussel, de onde decorre o projeto transmoderno:

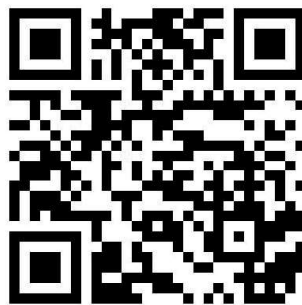
O pensamento decolonial é uma corrente crítica situada na América Latina, organizada em torno e a partir do Grupo Modernidade/Colonialidade e que tem, nos últimos anos, influenciado fortemente as ciências sociais no Brasil, propondo a realização de um giro decolonial. Essa corrente é marcada pela interdisciplinaridade e pela pluralidade. Essa proposta não está limitada ao interior da modernidade eurocêntrica e nem é simplesmente a sua negação, como propõe o pós-modernismo. A utopia decolonial, enquanto projeto de sociedade futura, é uma terceira via, que parte de um outro lugar, da exterioridade da modernidade. (MIGNOLO, 2003, p. 418).

O conceito apresentado pelos autores se revela adequado para tratarmos algumas questões postas. A crítica feita ao modelo de agronegócio empreendido em Mato Grosso é em decorrência dele reforçar as relações de poder atravessadas pela colonialidade. É um modelo que não cabe em uma utopia transmoderna. Não há como esse modelo coexistir com a pluralidade de agentes que ocupam os mesmos biomas, a fauna, a flora, os povos, a não ser que seja plenamente reformado. Por isso, a crítica se faz necessária e a arte fundamental. O trabalho do artista visual paulista Mundano traduz com intensidade os conceitos apresentados e o atual conflito, transversalizando a Semana de Arte Moderna de 1922 e o seu centenário. Em uma das obras, a animação do cartaz de Di Cavalcanti onde a pequena muda rubra cresce até ganhar os céus, para em 2022 ser derrubada com uma motosserra que deixa a marca de um país sangrando como o pau-brasil, uma explícita referência à colonialidade

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL  
&  
100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA



Aponte a câmera do seu celular utilizando leitor de QR Code para abrir o vídeo.



Obra em animação audiovisual intitulada Semana de Arte Mundana. Disponível no Instagram do artista Mundano [https://www.instagram.com/mundano\\_sp/](https://www.instagram.com/mundano_sp/). Acessado em Janeiro de 2022.

Em 2020, o artista realizou uma intervenção em frente ao Mercado Municipal, em São Paulo. Um mural de 800 metros quadrados com uma releitura da consagrada obra “Operários”, de Tarsila do Amaral, pintada utilizando a lama tóxica de Brumadinho como pigmento, em uma referência direta ao maior crime socioambiental da história brasileira. Mundano também utiliza cinzas coletadas dos incêndios na floresta amazônica para compor suas obras.



Grafite de 800m<sup>2</sup> feito com lama de Brumadinho. Obra Operários de Brumadinho. Artista: Mundano. Fotografia de André Della, 2020. Disponível no Instagram do artista: [https://www.instagram.com/mundano\\_sp/](https://www.instagram.com/mundano_sp/). Acesso em: Jan. 2022.

Outro exemplo interessante é a exposição “*Por um sopro de fúria e esperança*”, com curadoria de Galciani Neves e Natalie Unterstell, em cartaz até março de 2022 no Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), que proporciona um mergulho do visitante em um apanhado de obras que tratam das emergências climáticas ao longo da história. Um conflito urgente com obras anacrônicas.

Um fato a ser observado é que, apesar de trazer a Amazônia como tema central da exposição – perpassando outros temas convergentes como combustíveis fósseis, estiagem, enchentes, entre outros – quase 90% dos artistas com obras expostas no MUBE eram do eixo Sul-Sudeste. Até mesmo as fotografias das enchentes no Acre, da densa floresta amazônica no Pará, dos indígenas no Xingú. Essa situação reforça a necessidade de um giro decolonial e talvez seja aí que resida a próxima ruptura.

A decolonialidade se mostra um caminho plausível e frutífero para o reconhecimento dessas diferenças. “O projeto transmoderno é um projeto global pluriversal, que rompe com as hierarquias tipicamente modernas e que se ancora na realização do direito à diferença de igualdade” (MIGNOLO, 2003, p. 418).

É muito difícil que Mato Grosso consiga se reconhecer Amazônia sem que seja absorvido o conceito de giro decolonial. E este, por sua vez, se transforma num instrumento fundamental de sobrevivência para os povos e a floresta, à medida em que a colonialidade se esfarela.

Um movimento transmodernista, em essência, é um movimento decolonial. A arte de vanguarda e qualquer plano de reinvenção do Brasil no bicentenário da independência inevitavelmente passarão por essas questões. E passarão também por Mato Grosso. Quais as iniciativas que surgirão na arte mato-grossense para suprir essa aspiração transmoderna?

## Referências

- BRADBURY, M. & MCFARLANE, J. *Modernismo* (Guia geral). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANDIDO, A.; CASTELLO, A. *Presença da Literatura brasileira*. V. 3. São Paulo: Difel.
- CARVALHO, Rayann Kettuly Massahud de. A utopia decolonial: o projeto transmoderno, pluriversal e o direito à diferença de igualdade. *PerCursos*, Florianópolis, v.21, n.47, 2020.
- CARVALHO, C. Gomes de. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.
- DUSSEL, Enrique. La nueva Edad del mundo: la transmodernidad. In: DUSSEL, Enrique. *Filosofías del Sur: descolonización y transmodernidad*. Ciudad de México: Akal, 2015.
- FABRIS, A. Modernidade e vanguarda: o caso brasileiro. In: FABRIS, A. (Org.) *Modernidade e Modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1994. p. 9-25.
- FOULCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. tradução de L. M. Ponde Vassalo Rio de Janeiro: Vozes. 2014.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.11
- MAGALHÃES, H. Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Ed. UNICEN, 2001.

MENDONÇA, Rubens. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. especial. Cáceres: Ed. Unemat, 2015.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. 2 ed. Cuiabá, MT: Entrelinhas Editora, 2017.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Plataforma Digital do Acervo das Famílias da Casa Barão de Melgaço*. Cuiabá. Online: <https://familiascasabarao.com.br>, 2021.

WALKER, José Roberto. *Neve na Manhã de São Paulo*. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2017.